

Credores acham o clima 'positivo' para a dívida

HUGO ESTENSSORO
Especial para O Estado

NOVA YORK — Nos meios bancários nova-iorquinos existe um consenso quanto aos aspectos positivos da reforma econômica adotada pelo Brasil a 28 de fevereiro. Essa atitude, atestado por pesquisadores especializados no problema da dívida internacional, se reflete na grande imprensa americana e européia.

“Na reunião do Banco Inter-americano de Desenvolvimento (BID), em Costa Rica, semana passada, os bancos apresentaram um projeto de renegociação da dívida junto com o Brasil. Isso dá uma idéia da ótima posição do Brasil no meio bancário,” afirma Pedro Souza, do Citibank de Nova York, em entrevista ao *Estado*. O Citibank é o banco que lidera o comitê assessor dos bancos credores do Brasil.

“O ambiente só pode ser descrito como positivo”, continua Souza. “É



claro que o futuro vai ser determinado não só por este ambiente, mas pela performance das reformas em termos reais. Sem dúvida, será um dos fatores-chave nas negociações de setembro”, diz Souza. Em setembro, o Brasil renegociará sua dívida com os bancos privados. As negociações de abril serão com o Clube de Paris.

Quanto à relutância do Brasil em aceitar o aval do FMI como ponto de partida para a renegociação da dívida, o consenso desaparece. Muitos banqueiros, de fato, preferem não comentar a questão. John Landers, do Manufacturers Hanover, disse ao *Estado* que existe um acordo entre os membros do comitê assessor em deixar esse tipo de questão ao critério da presidência do comitê. O presidente do comitê, William Rhodes, do Citibank, estava viajando e não pôde ser consultado.

Pedro Souza, contudo, opina que não há um verdadeiro conflito entre as posições do Brasil e os banqueiros. “Os próprios Sayad e Bracher já anunciam na Costa Rica que uma solução de compromisso está sendo arranjada entre o Brasil e o FMI”, declara Souza.

Em termos da reforma econômica, John Landers confirma o ambiente “positivo”. “O potencial econômi-

co é de grandes proporções. E, o que é de grande importância, o setor político oferecerá um apoio que será também reforçado”, diz Landers.

No meios não bancários, também há um consenso quanto ao aceite do pacote. William Cline, um analista econômico especializado em dívida externa que trabalha no Instituto de Economia Internacional, de Washington, acredita que o México deve adotar medidas de autodisciplina como as brasileiras se quer seriamente resolver seus problemas.

Esta opinião é compartilhada por outros analistas, como Alan Stoga, da Henry Kissinger Associates, de Nova York. Para Stoga, o fechamento da torneira de crédito bancário tem feito os governos devedores descobrir as vantagens da austeridade e disciplina econômica.

O *Wall Street Journal* comentou recentemente com entusiasmo as reformas econômicas de vários países latino-americanos, incluindo o Brasil. O jornal equaciona essa nova atitude com os propósitos do Plano Baker. O *Financial Times* de Londres, por outra parte, acredita que, apesar de ter recebido positivamente as reformas econômicas brasileiras, muitos países devedores não aprovam a relutância do Brasil em aceitar os parâmetros do FMI.